



Olha Só Esse Barulho **Ensaio Fotográfico Sobre a Cena Independente do Vale do Paraíba¹**

Oswaldo Henrique Machado Corneti de OLIVEIRA²
Francisco de Assis GUEDES³

RESUMO

O presente produto é um ensaio fotográfico sobre a cena independente no Vale do Paraíba; apresentado como trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Foi baseado na disciplina de fotojornalismo e em trabalhos de Bob Gruen, Charles Peterson e André Barcinski. Os textos são inspirados no que se chama de jornalismo gonzo, com base em Lester Bangs e Hunter S. Thompson, e de jornalismo musical, como o realizado por Fábio Massari e André Barcinski. A captação das imagens foi feita in loco, em espaços onde se realizam alguns shows da cena independente.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; fotojornalismo; ensaio fotográfico; cena independente

INTRODUÇÃO

A escolha do tema se deu inicialmente pela vontade de registrar, por meio de fotografias, alguns shows que ocorrem na cena independente do Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Entende-se por cena independente os eventos e as bandas de rock que geram produtos musicais sem o apoio de grandes gravadoras.

Mesmo com a internet e com algumas facilidades de comunicação decorrentes de seu surgimento, a grande mídia não se atenta para eventos considerados marginais para os padrões comerciais.

A mistura de fotografia e som foi algo que sempre me fascinou; justamente pela ideia muitas vezes proposta em alguns encartes de cd que é casar a fotografia com o tipo de som que a banda faz, ou seja, tentar transmitir em algumas fotos o tipo de som realizado pelo grupo.

Ao observar mais atentamente alguns créditos de fotos em revistas, encartes de CD's e de vinis, fui começando a me familiarizar com alguns nomes. Eram eles: Bob Gruen, Charles Peterson, entre tantos outros. Porém, esbarrei em uma questão: grande parte desses fotógrafos é da chamada velha escola, e começaram registrando em preto e branco (PB), estilo esse que vem se mantendo fiel até hoje.

¹ Trabalho apresentado ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Produção editorial e produção transdisciplinar em comunicação, modalidade Ensaio fotográfico.

² Aluno em 2009, do 4º ano do Curso Comunicação Social, Jornalismo: email: oswaldokorneti@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, Jornalismo: email: francisco-nupec@uol.com.br



Quando comecei a me interessar por música (rock and roll, especificamente), mais precisamente na adolescência, o jeito de me vestir, antes condicionado a roupas de diversas cores foi logo substituído pelas roupas pretas, como reflexo do tipo de som que eu ouvia. Porém, minha curiosidade por novos ritmos e sons logo veio me mostrar que a música não precisava ser necessariamente da cor preta e que, quanto mais os ritmos se fundiam, mais cores eram adicionadas naquele cantor/banda/estilo (vide manguebeat).

A escolha por registrar em cores alguns shows se deu também pela vontade de transmitir, por meio das fotos, o calor, a emoção e, se possível, dentro da percepção de cada um ao observá-las, o barulho das melodias. Não que a fotografia em PB não seja capaz de fazer o mesmo, mas é que às vezes com a cor fica mais fácil tentar demonstrar como é som de determinadas bandas.

Outro fator determinante na escolha do tema (talvez o maior) foi o de que mesmo com o advento da fotografia digital e sua popularização (por meio de modelos de câmeras mais acessíveis, aparelhos celulares com câmera embutida e tudo mais), o público dos shows parece não se interessar em registrar alguns shows de perspectivas diferentes (percebe-se muito o uso em demasia do chamado plano americano), sem notar que um show, ainda mais nos pequenos palcos, permite registrar de outros ângulos a atividade da banda.

A experiência de fotografar um show em um lugar pequeno pode parecer meio desagradável inicialmente para aqueles que prezam muito mais pela técnica do que pelo olhar, dadas as dificuldades que ali se encontram: iluminação precária, empurrões involuntários da platéia, extrema proximidade física com os objetos e pessoas que serão fotografados, pouca ventilação e o que, de certa forma não considere como mais um obstáculo e sim como um diferencial do trabalho: banda e público interagindo durante todo o show.

OBJETIVOS

Geral:

Produzir um ensaio que mostre os eventos na cena independente de música do Vale do Paraíba por meio de fotografias.

Específicos:

- Buscar despertar em outros indivíduos que participam da cena (seja como artista ou público), a importância de se criar registro da memória.



- Aperfeiçoar as técnicas fotográficas aprendidas na faculdade de Jornalismo por meio da práxis em diferentes situações de luz.

JUSTIFICATIVA

A intenção deste trabalho é, sem dúvida, tentar despertar em outras pessoas a paixão pela fotografia e pela música (duas coisas que são para mim um Hábito) e também a de criar a memória visual da cena independente no Vale do Paraíba, apesar de que, de certa forma, a conversão digital da fotografia tem favorecido o barateamento e conseqüentemente tenho observado cada vez mais que o numero de pessoas registrando shows vem aumentando, mesmo que timidamente.

A pretensão também é contribuir para um projeto que surgiu no decorrer do ano de 2009, que é a de montar um coletivo, envolvendo pessoas que filmem e que fotografem. O intuito do coletivo é registrar por meio de imagens (foto e vídeo) eventos da cena independente do Vale do Paraíba.

O formato ensaio também se encaixa muito bem dentro do que sempre nos é pedido pelos nossos professores, durante os quatro anos de faculdade: inovar , experimentar, criar algo diferente, porém embasado cientificamente.

Para mim, o trabalho ainda serviu como base para um outro projeto que surgiu no decorrer de 2009, que é a realização de um outro ensaio, com outro tema que não cabe ser discutido aqui.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização deste trabalho buscou-se um aprofundamento em livros teóricos sobre fotografia, bem como a adaptação das técnicas aprendidas na disciplina de fotojornalismo durante a faculdade. Por facilidade, optou-se por organizar o material pesquisado em capítulos:

Capítulo 1, conceito de fotografia e sua origem;

Capitulo 2, contexto histórico de ensaio fotográfico;

Capitulo 3, o que é a cena independente.

Ao encontrar referenciais, a escolha do formato ensaio se deu justamente pela possibilidade de poder registrar em perspectivas mais ousadas, além de não nos preocuparmos o tanto quanto deveríamos, em caso de fotojornalismo, com a iluminação.(apesar da luz ser a base da fotografia)



Procuramos nos basear apenas em registros captados pelos profissionais abaixo citados, na ausência de algum manual específico para tanto, no trabalho realizado por profissionais da fotografia que atuam na área de eventos, mais especificamente, show de rock.

Além disso a pesquisa bibliográfica realizada anteriormente, se fez necessária e muito útil, justamente para encontrar autores, fotógrafos e jornalistas que tivessem trabalhos publicados que melhor se encaixassem com a ideia inicial.

Entre eles, destacamos os americanos Bob Gruen, Charles Peterson e os brasileiros Patrick Grosner e André Barcinski, profissionais que atuam já há algum tempo na cobertura de shows de rock. Além desses profissionais, foi usado como referência o trabalho de conclusão de curso de Daniel Gurgel, graduado em Comunicação Social - Jornalismo, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA - USP) no ano de 2007, com o tema Fotografia e música: do vinil ao celular.

O embasamento teórico foi encontrado nos autores Roland Barthes, Leonard Gaunt e Boris Kossoy; Já para a elaboração dos textos considerou-se autores como Lester Bangs, Hunter S. Thompson, Fábio Massari e André Barcinski, ambos foram selecionados como base por serem jornalistas da área de música e por possuírem textos que falam muito bem com o público alvo através de textos e imagens.

Além disso, a escolha do tema e do formato se deu também por minha proximidade e consequente admiração pela música, em especial, a cena independente.

Foram realizadas um total de oito coberturas, com uma média de 170 fotos para cada uma delas. Ao final dessa etapa, foram escolhidas as três bandas mais ativas da cena local. A saber:

Copacabana Café (10 fotos), Seamus (10 fotos) e The Vain (10 fotos).

Como complemento, para mostrar as bandas que fazem parte do mesmo esquema, mais seis bandas de outras regiões: Hierofante Purpura (3 fotos), Holger (3 fotos), LAB (3 fotos), La Carne (3 fotos), Nuda (3 fotos) e Refluxo (3 fotos).

Coube ainda espaço para uma banda que é formada por integrantes de outras duas bandas (Seamus e Copacabana Café), Roman's Field (3 fotos), e para a banda de punk-rock, da cidade de Pindamonhangaba, Gin Tonics (3 fotos).

No total, foram selecionadas 54 fotos, que em grande parte contam apenas um breve perfil da banda e descrevem como as bandas são ao vivo.

Além das dificuldades técnicas encontradas citadas na introdução deste trabalho e a falta de uma objetiva mais clara (a que eu usei era de abertura máxima em 3.5, e o ideal seria, para



condições de luz encontradas uma com abertura de no mínimo 2.8), foi possível registrar com qualidade os shows.

Como no meu caso se tratava de uma câmera digital, tais perdas puderam ser compensadas pelo aumento no ISO, o que por vezes, infelizmente aumentou a granulação de algumas fotos.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Esse capítulo explica o uso do termo ensaio na fotografia, já que por vezes ocorrem discrepâncias nas definições do que vem a ser ensaio. A palavra ensaio começou a ser usada inicialmente na literatura e foi adaptada para o campo da fotografia.

No dicionário Aurélio, a definição para a palavra é:

Ensaio 1 [Do lat. tard. exagiu.] Substantivo masculino. 1. Prova ou experiência com o fim de verificar o desempenho de alguma coisa: O novo avião fez um vôo de ensaio. 2. Exame, análise, apreciação. 3. Tentativa, experiência: Fez um ensaio de falar, mas não pôde. 4. Preparo ou instrução disciplinada com um fim em vista; treino, treinamento: Hoje há ensaio das escolas de samba. [Sin., p. us., nesta acepç.: ensaiamento.] 5. Quím. Experiência química preliminar ou de procedimento abreviado, ger. realizada para determinar a presença ou a ausência de uma substância, ou a exequibilidade de uma reação (v. tubo de ensaio). 6. Teatr. Treinamento das falas e marcações dos atores para adestrá-los e aprimorá-los no desenvolvimento dos seus papéis, e/ou repetição dos movimentos cenográficos, de iluminação, de sonoplastia, etc., objetivando a unidade, o aprimoramento e a perfeita execução da montagem.

Ensaio 2 [Do fr. *essai* < lat. tard. *exagiu.*] Substantivo masculino. 1. Liter. Obra literária em prosa, analítica ou interpretativa, sobre determinado assunto, porém menos aprofundada e/ou menor que um tratado formal e acabado. (FERREIRA:1999)

A primeira definição nos apresenta uma versão, destacando seu caráter experimental. Já a segunda nos remete a sua definição literária e destacando a observação superficial de algum tema.

Quanto ao surgimento do formato na fotografia, não se tem registros confiáveis de quando foi usado pela primeira vez. Segundo FIUZA e PARENTE (2008, p. 166): “A coisa não era idêntica a sua essência.(...) Mais tarde usada pelos existencialistas na máxima filosófica: a existência precede a essência”.

Sendo assim, as pesquisadoras não descartam a existência do ensaio fotográfico décadas antes de ter sido ‘diagnosticado’ o primeiro. (idem)

Segundo Govignon, Bajac e Cajoule (2004):

O primeiro uso notável de menos que capturas mínimas foi sem dúvida a “entrevista fotográfica” do cientista Michael Eugene Chevreuil por Paul Nadar, no dia 5 de setembro de 1866. Este foi o ensaio fotográfico genuíno, fazendo fronteira com o

storyboard (ou roteiro feito com imagens), já que marcou a passagem de tempo transcreveu as palavras do cientista sob a imagem em uma letra cursiva, escrita a nanquim preta. (GOVIGNON, apud FIUZA e PARENTE: 2008, p.166).

O fotógrafo alemão André Kertesz, publicou na revista *Berliner Illustrierte Zeitung* (BIZ), em 1928, o que segundo Magalhães e Perrgrino (2004) “Foi o primeiro ensaio fotográfico. Ainda segundo os pesquisadores fora seu trabalho sobre uma antiga ordem de monges franceses, intitulado *A Casa do Silêncio* e editada por Kurt Korff e Kurt Safranski.

A nova edição faz vir a tona a organização das imagens em torno de uma história linear com uma diagramação hierarquizada das fotografias: uma imagem dos monges abre a matéria e ocupa toda a página, enquanto outras menores mostram suas atividades diárias. (MAGALHÃES e PEREGRINO, apud FIUZA e PARENTE:2008, p.167).

No levantamento histórico realizado pela pesquisadora, jornalista e crítica de fotografia Somonetta Perischetti (2000), “O ensaio nasceu em Paris com o editor Lucen Vogel e a revista ‘Vu’ e está íntima e diretamente ligado ao jornalismo”. (PERISCHETTI, apud FIUZA e PARENTE:2008, p.167).

No Brasil, o novo formato foi introduzido pela revista ‘O Cruzeiro’. Conseqüentemente outras publicações como *Photo Camara*, *Fotográfico*, *Akopol*, *Fotóptica* e *Iris*, ajudaram a difundir ainda mais o formato, e segundo Perischetti, “... elevando o trabalho dos fotógrafos nas áreas de jornalismo e publicidade.” (PERISCHETTI, apud FIUZA e PARENTE:2008, P. 168).

A revista *GOODYEAR*, também colaborou muito para a difusão e o aprimoramento e criando segundo ED Viggiani:

Uma certa escola de fotografia na área de ensaio. Lá os fotógrafos tiveram a oportunidade de criar e desenvolver trabalhos grandes”[...] “ Eram casamentos bem sucedidos entre imagens e palavras , que mostravam a poesia como arte mais próxima da fotografia. (VIGGIANI, apud PERISCHETTI:2000, p. 56, apud FIUZA E PARENTE:2008, p.169).

Quanto às definições, Holfer (1983), diz que:

Seu impacto não só depende de imagens individualmente fortes, mas também da inter-relação entre essas imagens;

(...)

O formato pode assumir várias formas e tamanhos- de uma simples matéria em revista, de poucas páginas, a um livro bem maior, envolvendo talvez uma centena de imagens ou mais. Os temas também podem variar.

(...) Uma qualidade que todos os ensaios tem é a sua independência pictórica (estética). (HOLFER, apud FIUZA e PARENTE:2008, p.171).

A definição proposta por Elias (2007) é simples e direta. Para o autor, o ensaio fotográfico “conta uma história, tem uma unidade entre as imagens e não é redundante, pois cada foto traz uma nova pose ou revela uma nova nuance”. (ELIAS, apud FIUZA e PARENTE:2008, p.172).

De maneira geral, o uso do ensaio se dá quando se oferece ao fotógrafo a oportunidade de criar, explorar mais, sobre o tema escolhido, de forma livre e criativa.

O uso de perspectivas diferenciadas se deu justamente, pela frase dita por Gaunt (1980):

(...) se, por exemplo, você deseja fotografar aquele botequim da esquina, não o faça de longe e de outro lado da rua, pois só conseguirá um enorme plano vazio e uma estrutura minúscula no canto superior esquerdo. Aproxime-se o máximo que puder. Enquadre cuidadosamente o prédio dentro do seu visor experimentando diversos pontos de vista.

(...) Mas se a vista da frente apresentar alguma coisa interessante não deixe de fotografá-la também. (GAUNT, Leonard:1980, p.20)

O formato ensaio, porém, oferece a possibilidade de certa forma, de criar um certo glamour (ou não), dependendo da perspectiva fotografada, partindo da idéia de que uma imagem pode render interpretações diferentes de observador para observador. Ainda segundo Kossoy (2002):

A imagem fotográfica não corresponde necessariamente a verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência... fonte, pois, de ambigüidades. (KOSSOY, Boris:2002, p.45)

Nas fotos realizadas nesse trabalho tomei demasiado cuidado para não criar essa distorção e nenhuma das imagens teve qualquer interferência ou manipulações tecnológicas depois de capturadas, que visassem esse resultado.

Embora também tenha aberto mão do uso flash em várias fotografias, o uso dele se fez necessário para registrar momentos que não iriam se repetir (ao menos, não da mesma forma), segui a dica de Gaunt (1980) que dizia “Neste caso a regra é: faça a foto primeiro e depois, se houver tempo, tente fazer uma melhor”. (GAUNT, Leonard:1980, p. 21)

Nas perspectivas fotografadas procurei, como já dito antes, sair da ideia do plano americano. Já que o formato ensaio exigia de mim mais do que simples fotos, nas palavras de Barthes (1984) embora não tenham sido propriamente ditas para esse tipo de formato, mas de certa forma são o que instigam qualquer um que se envolva com a fotografia: “(...) o fotógrafo, como um acrobata, deve desafiar as leis do provável ou mesmo do possível; em ultima instancia deve desafiar as leis do interessante” (BARTHES, Roland:1984, p.57)



Ou ainda, nas palavras do mesmo: “nada seria mais engraçado (se não fôssemos sua vítima passiva, o palastrão, como dizia Sade), que as contorções dos fotógrafos”. (Idem, p.28).

Em suma, o trabalho apresentado se deu por conta de tais afirmativas, bem como o pedido feito durante os quatro anos de graduação, feito por professores, para sairmos do comum, experimentar e tentar criar algo novo, porém, desde que o trabalho esteja embasado, para dar sustentação científica para o produto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não encontrei nos arquivos da minha faculdade nenhum trabalho fotográfico com recorte e formato semelhante. No entanto tenho notado, por meio de observação e conversas com alguns colegas que também estudam na instituição que de certa forma, o interesse deles por esse tipo de música (no caso o rock independente), vem aumentando, bem como o interesse por fotografia ou produtos audiovisuais (documentário e/ou grande reportagem). Se este ensaio fotográfico servir como base para alguma ideia que se afine mais futuramente, acho que o meu trabalho terá sido válido de alguma forma.

O formato ensaio fotográfico, também foi de suma importância para este trabalho, justamente pela liberdade de criação que permite aliada ao ato de criar memória, uma das premissas básicas do jornalismo.

Paralelamente ao meu TCC, surgiu uma ideia de fazer outro trabalho de fotografia, no formato ensaio, desenvolvido com um colega que também fotografa. Além de como já foi citado, a ideia de montar um coletivo para a cobertura desse tipo de evento, há tempos me interessa. Porém, o tempo dedicado aos trabalhos de faculdade, bem como a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso o tornavam o planejamento do mesmo inviável.

Sem dúvida, a experiência por mim (e por muitas pessoas) comprovada de que o aprofundamento em leituras teóricas, aliada a práxis contribui muito para a elaboração de um trabalho conciso, bem como para o crescimento profissional e intelectual. Viva o conhecimento!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANGS, Lester. Reações psicóticas. São Paulo: Conrad, 2005.
BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
GAUNT, Leonard. Fotografia com bom senso. São Paulo: Tecnoprint, 1980.
GRUEN, Bob. Rockers. São Paulo: FAAP, 2007.
GURGEL, Daniel. Fotografia e música: do vinil ao celular. 2007. Trabalho de conclusão de curso – (Graduação em comunicação social, com habilitação em jornalismo), ECA-USP, São Paulo, 2007.



KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial, 2002.

PETERSON, Charles. Touch Me I'm Sick. Seattle: Power House Books, 2003.

THOMPSON, Hunter. Reino do medo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FIUZA e PARENTE, Beatriz Cunha e Ana Luiza. O Conceito de ensaio fotográfico. Artigo Acadêmico, Londrina: 2008.

TOLEDO, Heloísa Maria dos Santos. Produção independente de música nos anos 90- Tecnologia e terceirização: Bases para o sistema aberto de produção. Artigo Acadêmico, Niterói: 2006.

ALEXANDRE, Ricardo. Coleção para saber mais: PUNK. São Paulo: editora Abril, 2004.

LAUA, Maurílio do Prado. Cartas de Veja. Tese de mestrado. Taubaté: 2003.

BARCINSKY, André. Barulho – Uma viagem pelo underground do rock americano. São Paulo: Ed. Paulicéia, 1992.

MASSARI, Fábio. Emissões Noturnas – Cadernos Radiofônicos de FM. São Paulo: Ed. Grinta Cultural, 2003.

Site: (link: <http://www.atulo.net/polaroid-pogo-iphone-combinacao-perfeita-mas-so-com-jailbreak/>) acessado em 13/10/2009